



Dialogismo: Emergência do Pensamento Latino-Americano em Comunicação¹

Yuji Gushiken²

Resumo

O artigo busca fazer um breve estudo da emergência do pensamento latino-americano em Comunicação, tendo como foco a proposta dialógica que, na história das teorias da comunicação, se caracteriza como crítica à tradição da chamada *Mass Communication Research* oriunda da sociologia americana. Situa a emergência desse pensamento comunicacional na América Latina em meio a condições de subdesenvolvimento econômico e social, analisando-o também como crítica aos difusionismos culturais e comunicacionais simultâneos ao processo de globalização da economia. Historicamente, o dialogismo atualiza os processos de inovação teórica que reavaliaram o campo da recepção como mediador e produtor de sentido nos estudos em Comunicação.

Palavras-chave: comunicação; dialogismo; América Latina.

O dialogismo, ao modo de uma proposição teórica crítica, tem sido evidenciado como uma das importantes propostas atualizadas nos estudos e nas práticas em Comunicação entre pesquisadores latino-americanos. Este viés dialógico, que também chamam de participativo, desenvolveu-se dentro de um quadro socioeconômico e político que levou a tradição da *Mass Communication Research*, oriunda da sociologia empírica americana, e seus desdobramentos práticos, como o modelo difusionista da comunicação de massa, a serem repensados dentro da realidade e desafios próprios da América Latina. Historicamente, o dialogismo emerge como indagação teórica e modelo comunicacional no final dos anos 1960, ganhando força nos anos 1970, quando sua influência, ainda que não facilmente quantificável, torna-se mais visível em projetos e políticas de comunicação social levados a cabo em várias partes da América Latina, em geral, e no Brasil, em particular.

Na história das teorias da comunicação, o dialogismo é uma modulação do pensamento comunicacional levado a cabo por estudiosos e comunicadores latino-americanos que acabaram por romper com o modelo unilateral e vertical da comunicação de massa e, também, com as práticas de comunicação comunitária

¹ Artigo apresentado no Núcleo de Pesquisa (NP) de Teorias da Comunicação, do V Encontro de Núcleos de Pesquisa Intercom, evento do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), de 5 a 9 de setembro de 2005.

² Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social e do Mestrado em Estudos de Linguagem da UFMT. Coordenador adjunto do NEC (Núcleo de Estudos do Contemporâneo) da UFMT. yug@uol.com.br



igualmente verticalizadas cujo pressuposto era o daquela tradição que colocava em evidência uma certa superpotencialização dos meios de comunicação e dos emissores sobre os demais componentes do processo de troca de informações. O impacto dessa modulação nos modos de se pensar a Comunicação contribuiu para reformular o lugar da recepção nos estudos neste campo do saber. O impacto nas práticas comunicacionais tornou-se visível na medida em que instituiu novos protocolos de troca de informações na sociedade contemporânea.

Na ainda recente história das teorias da comunicação, que conformam mais um campo do saber do que uma disciplina, o que fomenta o dialogismo dos pensadores da comunicação na América Latina é 1) sua contextualização em condições de subdesenvolvimento socioeconômico e de dependência, inclusive cultural, em relação aos países desenvolvidos; e 2) a proposta de horizontalização dos processos de troca simbólica, questionando o caráter difusionista da comunicação de massa e o modelo de comunicação até então centrado no pólo emissor.

A entrada em cena de um pensamento latino-americano começa a se delinear quando a idéia de comunicação passa a interiorizar em sua elaboração o pólo receptor como mediador e produtor de sentido, rompendo com o paradigma no qual o pólo emissor predomina no processo. Quando começa a emergir no final dos anos 1960, as propostas comunicacionais dialógicas vêm apontar novos caminhos para a tradição da *Mass Communication Research* americana, que naquela década já tinha pelo menos quarenta anos de influência e hegemonia teórica sobre o campo da Comunicação como área de conhecimento e prática social.

Mas é preciso fazer a seguinte indagação: o que singulariza o pensamento latino-americano em comunicação lhe concede a denominação de “escola”? José Marques de Melo analisa que a independência do pensamento dos autores latino-americanos em Comunicação Social, ao assumir uma fisionomia distinta das outras escolas que lhe deram origem ou lhe eram simultâneas, já vinha sendo reconhecida por cientistas europeus e americanos, e usa exatamente essa designação:

“Os traços distintivos da escola latino-americana estão, por um lado, na superação da dicotomia metodológica, combinando métodos quantitativos e qualitativos, e, por outro lado, na inovação teórica resultante da interatividade entre reflexão e ação. Os pesquisadores da região preservam o rigor científico na observação e análise dos fenômenos comunicacionais, mas estabelecem uma agenda de trabalho priorizando a



construção de modelos alternativos de comunicação, bem como de processos democratizantes, com a finalidade de preservar a identidade cultural latino-americana”³.

Para o venezuelano Antonio Pasquali⁴, a idéia de comunicação assimétrica, na qual se distanciam pólo emissor e pólo receptor, está ligada muito mais a uma concepção mecânica do que social das relações entre as pessoas. A crítica formulada por ele visa romper com o modelo comunicacional linear, propriamente mecanicista, até então concebido como informação que parte de um ponto e finaliza em outro. Se, na produção da comunicação de massa, o pólo emissor prevalece sobre o receptor, gerenciando a oferta e controlando o consumo de informações, para Antonio Pasquali⁵, a proposta dialógica deve colocar ambos no mesmo plano, numa relação de bivalência: todo emissor pode ser receptor e todo receptor pode ser emissor. Caso contrário não há autenticidade na relação. O esforço teórico de Pasquali consistiu em diferenciar informação em escala cibernética, na qual fica patente o mecanicismo do processo, de informação em escala antropológica, na qual estão ligados diversos processos de significação por parte dos atores envolvidos. Ainda como parte de sua problematização teórica, ele busca diferenciar os conceitos de *informação* e *comunicação*, o que implicou numa perspectiva sociológica do tema.

“Informação seria, pois, o nome que dentro de uma sociologia do saber assumiria a categoria de relação por causalidade (dependência de causa e efeito), assim como comunicação corresponderia à categoria de relação pela comunidade (recíproca entre agente e paciente)”⁶.

A relação de causa e efeito refutada pelo autor latino-americano bem corresponde à hipótese primordial, hoje considerada primária e obsoleta, da *Mass Communication Research* americana, a chamada Teoria da Agulha Hipodérmica⁷. Uma

³MELO, José Marques de. “Difusão dos paradigmas da escola latino-americana de comunicação nas universidades brasileiras”. In: *Comunicação e Sociedade*, n°. 25, São Bernardo do Campo.

⁴PASQUALI, Antonio. *Sociologia e Comunicação*, Editora Vozes, Petrópolis, 1973.

⁵PASQUALI, obra citada, 1973.

⁶Idem.

⁷A Teoria da Agulha Hipodérmica é uma metáfora para designar um dos primeiros esforços de se pensar a comunicação como objeto de pesquisa e uma primeira tentativa de se formular uma hipótese sobre o tema no que se convencionou chamar de pesquisa em comunicação de massa, em inglês a *Mass Communication Research*, oriunda da sociologia empírica americana, em inter-relações com a psicologia. Tal “teoria” centrou-se na idéia de “transmissão” de informação de um pólo emissor a um pólo receptor, produzindo no imaginário moderno a idéia reducionista de comunicação linear, que vai de um ponto a outro, fortemente embasada no processo de estímulo-resposta (E-R) da psicologia behaviorista (comportamental). Assim, comunicação se reduzia a uma informação transmitida e que atingiria uma consciência qualquer e produziria um efeito desejado pelo emissor. Foi o começo dos estudos dos efeitos da comunicação de massa, tendo como pano de fundo sociocultural o impacto que os MCM, principalmente rádio e TV, provocavam na cultura moderna já na primeira metade do Século XX. Ainda que considerada primária e ingênua, a Teoria da Agulha Hipodérmica teve pelo menos o mérito, que muitos



resposta meramente mecânica do outro lado do processo comunicacional só interessaria aos que buscam gerir uma relação unilateral que se torna uma relação de dominação nos planos sociocultural, econômico e psicológico. Segundo a tradição da pesquisa americana, de forte apelo pragmático, a idéia de desenvolvimento da comunicação vinha sendo promovida como geração de técnicas de controle do emissor sobre o receptor. A partir de estudos sobre sociedade na Modernidade, considerava-se o indivíduo isolado na massa populacional e passível de ser manipulado por mensagens dos meios de comunicação, na velha imagem da relação mecanicista de causa-efeito que até mesmo nos dias de hoje insiste em marcar boa parte do pensamento comunicacional. No mutismo do indivíduo anônimo, diante da profusão de informações no mundo contemporâneo, concretiza-se o lado enfaticamente numérico e quantitativo da cultura de massa e da informação cibernética⁸ em seu aspecto inumano. Realocada para a realidade da América Latina, a história mostra que foram bem assim inúmeras tentativas de se elaborar e colocar em prática projetos de comunicação com base nos pressupostos da unilateralidade e da influência fácil, determinista e de efeitos supostamente previsíveis ao modo de equações matemáticas.

Economia e cultura: a produção da diferença

Na fase do que se chamou de *Comunicação para o Desenvolvimento*, a partir de políticas gerenciadas pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) na década de 1960, creditava-se aos meios de comunicação de massa a potencialidade de promover a alavancagem econômica e social de países subdesenvolvidos. Neste caso, o consumo de mensagens dos meios seria um indicador dessa mesma idéia de desenvolvimento. A princípio, o modelo comunicacional empregado passou a ser confundido com o próprio difusionismo cultural já legendado pela Antropologia, até que encontrasse resistência por parte de pensadores latino-americanos naquela própria década. Os latino-americanos demonstraram preocupação não apenas com o desenvolvimento dos meios de comunicação, mas com o

pesquisadores não reconhecem, de dar início às discussões sobre o fenômeno da comunicação de massa no mundo moderno e de abrir caminho para outras problematizações teóricas que vieram a promover a comunicação como objeto de estudos acadêmicos e como campo do saber.

⁸Cibernética é um termo divulgado pelo matemático americano Norbert Wiener (1894-1964), ex-professor do Massachusetts Institute of Technology (MIT). Em sua origem grega, cibernética significa a arte de pilotar ou, em sentido aplicado, seria a arte de dirigir homens e máquinas. A comunicação, na tradição da pesquisa americana, foi a busca de controlar o fluxo de informações, de controlar o processo de troca simbólica. Em outras palavras, de controlar a audiência, se aplicada aos estudos de comunicação de massa. Contra esta idéia de controle, baseada numa frieza de troca de informações entre máquinas, é que se voltam os pioneiros do pensamento latino-americano em comunicação.



desenvolvimento da idéia de processo de comunicação, para ir além da herança teórica da pesquisa em comunicação de massa americana.

A busca de sintonia do discurso latino era com as questões sociais das classes subalternas do continente, fazendo uma revisão do lugar do receptor como sujeito ativo do processo comunicacional. Por este viés teórico, os estudos em Comunicação buscavam ancorar-se na questão da luta de classes, mas considerando simultaneamente diferenças socioculturais e políticas regionais evidenciadas nas políticas de comunicação. No quadro político, a América Latina era uma região marcada por ditaduras militares na segunda metade do Século XX. No quadro econômico, havia, e ainda há nesta transição de século e de milênio, profunda desigualdade e dependência de países desenvolvidos. E no quadro social, índices apontavam, desde décadas anteriores, para graves distorções na distribuição de renda, alta taxa de analfabetismo e inúmeros outros problemas que evidenciam um panorama de subdesenvolvimento nos países latinos.

O educador brasileiro Paulo Freire, reconhecidamente comprometido com a educação das classes populares, foi um dos principais nomes dessa corrente de pensamento que veio a caracterizar os processos dialógicos nos estudos em Comunicação na América Latina. Ainda que pensador na área de Educação, propondo uma “educação dialógica”, seus estudos fizeram importante intervenção no campo da Comunicação, principalmente no Brasil. A crítica de Paulo Freire ao modelo difusionista do que se convencionou chamar de extensão rural, exposto no livro *Comunicação ou Extensão?*, tornou-se referência para os estudos em Comunicação que se alinham ao que se colocou em pauta como um viés participativo. A extensão rural, com base no modelo difusionista da comunicação, era a prática de transferência de tecnologia que agrônomos empreendiam junto a produtores rurais.

A designação utilizada – extensão – corresponde bem à idéia de transferência como o ato de estender um conhecimento. Ficava pressuposto, nesse modelo comunicacional, a intenção de se levar um “saber” a quem não o possui, o que evidenciava uma produção de diferença socioeconômica e cultural. Pelo ponto de vista da Comunicação, tratava-se de demarcar a distância entre um pólo emissor, pretensamente detentor de um conhecimento, e outro receptor, esvaziado em sua imaginada ignorância. Como se percebe, a extensão rural, tal como era praticada, incorporava a idéia de comunicação como um processo mecanicista, planejado de forma verticalizada e unilateral, com ênfase no emissor de informações. A essa idéia ligavam-



se noções como a de doação, messianismo, invasão cultural, manipulação etc., em termos usados pelo próprio Paulo Freire. Evidenciava-se nos estudos comunicacionais a relação entre saber e poder.

O caráter difusionista da extensão rural ganhou grande impulso a partir dos estudos de Everett Rogers. Em 1962, ele publicou *The Diffusion of Innovations*, que hipoteticamente tornou-se uma das bases teóricas que viriam a consolidar o modelo difusionista da comunicação. Na prática, tal modelo já vinha sendo construído como resultado das correntes desenvolvimentistas que emergiram no final da década de 1940. No âmbito dos estudos comunicacionais, o modelo sustentou-se até os anos 1960, com seus limites teóricos e sua falência sendo decretados logo nos anos 1970. Desenvolvimento, no caso, era sinônimo de modernização⁹, adoção de novas tecnologias e produtividade econômica. O enquadramento destes preceitos, portanto, se dava no quadro do modo de produção capitalista e dos padrões ocidentais de cultura científica e tecnológica.

Persuadir o homem do campo, apesar de suas condições econômicas e resistências culturais, a adotar e consumir novas tecnologias de produção agrícola equivalia a conceber conceitos que se aproximavam das primeiras teorias mecanicistas da *Mass Communication Research*, de imaginados efeitos a curto prazo. Ou seja, imaginava-se um processo simplório, de efeito unilinear. Vale dizer, esperava-se que houvesse mudança de comportamento do produtor rural a partir do momento em que o extensionista lhe levasse – vale dizer, estendesse – novas técnicas agrícolas. Daí a idéia de “doação”, na qual o extensionista, dotado de um saber, o estende a um produtor rural que o recebe. Paulo Freire não ignorava as reais condições de subdesenvolvimento em que vivia boa parte dos pequenos produtores rurais no Brasil e na América Latina, mas recusava a extensão rural como transposição de conhecimentos de forma autoritária e verticalizada, ou seja, como imposição cultural do extensionista, em geral um agrônomo, sobre seu público-alvo. Dessa maneira, o que Paulo Freire criticava era o caráter anti-dialógico e arbitrário, sob pretexto de um processo de modernização, que impregnava o modelo difusionista da comunicação.

Este caráter dialógico defendido pelo educador brasileiro era na verdade uma preocupação pedagógica que incidiu diretamente na crítica da comunicação tal como é imaginada e praticada na transferência de tecnologia: vertical e unilateral, com ênfase

⁹Principalmente na agricultura, o que fez da sociologia rural uma disciplina relevante no trato da questão.



no emissor (principal) sobre um receptor (secundário e apenas acessório) no processo de comunicação/cognição. No modelo difusionista, como tem sido próprio dos procedimentos e fluxos da modernização no Ocidente, o mecanicismo do processo informacional deixava em segundo plano toda uma estrutura cognitiva pré-existente do receptor, considerando que o processo de adoção de novos conhecimentos se daria automaticamente. Ou como o próprio nome sugere: de forma mecânica, desconsiderando toda uma rede complexa de produção de sentidos na qual os diferentes atores sociais estão envolvidos. Tratava-se, portanto, de uma visão autoritária e vertical de transmissão de conhecimento, endossada pelo imediatismo que caracteriza a economia de mercado e a velocidade que ela impõe a qualquer processo de adoção de produtos e serviços.

Na mesma linha de pensamento, a partir de uma abordagem comunicacional, o professor e pesquisador brasileiro Antonio Fausto Neto faz a seguinte crítica à idéia de extensão rural:

“...são programas comprometidos com a noção de equilíbrio, esquematizados para satisfazer as estruturas institucionais existentes, incompatíveis com a ‘consciência possível’ do homem rural, segundo a concepção de Goldmann, retirando-o, certamente, do seu estado de isolamento, mas inserindo-o numa realidade antagônica, desestruturando-o e dotando-o de novos mecanismos de dependência”.¹⁰

A evolução tecnológica, como é próprio dos processos de modernização, acelera a obsolescência do conhecimento, imprimindo sentido pejorativo às formas tradicionais de cultura. No caso da América Latina, a adoção de novas tecnologias agrícolas significava a passagem de um modo de produção tradicional, ainda muito voltado para o mercado consumidor interno, para outro com características modernas, considerando que interessava ao Estado nacional investir num modo de produção voltado para exportação e, desta maneira, desempenhar seu papel na engrenagem da economia de mercado global. Entravam em cena as políticas de comunicação como pretensas redentoras da situação de subdesenvolvimento econômico e social de um continente que, por este ponto de vista, havia perdido o caminho da Modernidade. Os sintomas de subdesenvolvimento econômico na América Latina manifestavam-se em setores como a agricultura, na qual se verificavam ações na linha da já citada Comunicação para o

¹⁰FAUSTO NETO, Antônio. Incomunicação rural: Dependência e fatalismo. In: MELO, José Marques de (org.). *Comunicação/Incomunicação no Brasil*, Edições Loyola, 1976.



Desenvolvimento¹¹. Afinal, em país dito subdesenvolvido, a base da economia continua sendo o setor primário, com industrialização incipiente ou insuficiente para ser o propulsor da economia de modo geral.

Desde a década de 1960, pelo menos no Brasil, o perfil da agricultura se dividia entre práticas ditas arcaicas de subsistência, voltada para o mercado interno, e a monocultura voltada para exportação, da qual os exemplos mais significativos talvez tenham sido a cafeicultura e, a partir da década de 1970-80, a sojicultura. É razoável afirmar que este perfil econômico podia ser verificado também nas demais regiões da América Latina. Assim era descrita, no final da década de 1960, a situação de dependência dos países subdesenvolvidos de sobreviver numa economia globalizada, ou seja, dependente de investimentos externos e de sua abertura como novos mercados consumidores.

Depois de Everett Rogers, o nome de Wilbur Schramm foi um dos mais ligados à consolidação do modelo difusionista de comunicação. Não por acaso, a obra *Mass Media and National Development*, de Schramm, foi editada e divulgada pela Unesco, tendo se tornado referência para o setor¹². Para Wilbur Schramm, a comunicação de massa aparecia como panacéia do desenvolvimento. Ele, que havia buscado na teoria dos sistemas uma base para a formulação de seu modelo de comunicação, alinhava-se à idéia de desenvolvimento como forma de evolução da sociedade, na qual o homem aldeão¹³ deveria se preocupar em tornar-se cidadão do país¹⁴. O suporte institucional para a gênese desse pensamento comunicacional partiu da Unesco, que depois de 1962 passou a se preocupar com o desenvolvimento da comunicação de massa nos países em desenvolvimento. Desta maneira, o desenvolvimento dos MCM era visto, segundo a Unesco, como pressuposto do desenvolvimento geral de países localizados em regiões díspares culturalmente, mas homogêneos no subdesenvolvimento, como Oriente Médio, Ásia, África e América Latina.

Daí o binômio Comunicação e Desenvolvimento ter sido uma proposta a ser pensada e estruturada como estratégias nacionais a partir de um órgão supranacional

¹¹Nos dias de hoje, o termo *Comunicação para o Desenvolvimento* certamente se reveste de outras orientações teóricas, com base na formulação de outros modelos comunicacionais, tendo como base o modelo dialógico defendido por pensadores da comunicação na América Latina.

¹²Cf. MATTELARD, Armand. *Comunicação Mundo - História das Idéias e das Estratégias*, Editora Vozes, Petrópolis, 1996.

¹³Convém lembrar que o termo “produtor rural” é uma designação de conotação modernizante, como contraposição ao termo “aldeão”, de conotação arcaica.

¹⁴SCHRAMM, Wilbur. “O desenvolvimento das comunicações e o processo de desenvolvimento” in *Comunicações e Desenvolvimento Político*, organizado por Lucian Pye, Zahar Editores, 1967.



como a Unesco¹⁵. Pelo ponto de vista dos autores dessa corrente, o consumo de informações seria um indicador de desenvolvimento sociocultural de um país. Ou seja, um autor como Wilbur Schramm considerava “positivas” as possibilidades educativas e informacionais dos meios de comunicação de massa na condução dos países subdesenvolvidos a outros patamares de desenvolvimento econômico e social. Implícita ideologicamente nessa proposta de comunicação transmissiva, que se concretizou, entre outros modos, nos processos de extensão rural, estava a idéia de transferência cultural criticada, entre outros autores latino-americanos, por Paulo Freire. Assim dizia Schramm num trecho do livro que escreveu com suporte da Unesco:

“A serviço do desenvolvimento nacional, os veículos de massa são agentes da transformação social. O tipo específico de transformação que se pretende que eles condicionem é a passagem a novos costumes e novas práticas e, em alguns casos, a novas relações sociais. Por trás dessas modificações comportamentais deve necessariamente haver transformações substanciais em concepções, crenças, técnicas e normas sociais”¹⁶.

Ainda que os mentores do difusionismo tenham reconhecido a falência do modelo nos anos 1970, pode-se dizer que este modelo vingou e persistiu nas práticas de comunicação levadas a cabo nas diversas áreas – jornalismo, relações públicas, publicidade e propaganda, marketing e em atividades comunicacionais distintas como a própria extensão rural. Ou seja, o difusionismo instituiu, no imaginário contemporâneo, uma certa tipologia de prática comunicacional que veio a ser tornar hegemônica.

Modelos comunicacionais: reavaliação

Luis Ramiro Beltrán¹⁷, num balanço dos 40 anos da *Comunicação para o Desenvolvimento*, atesta que as políticas da Unesco neste campo passaram por reavaliação de autores latino-americanos, citando nomes como os de Paulo Freire, Antonio Pasquali, Juan Diaz Bordenave e Mario Kaplun¹⁸. A idéia de comunicação

¹⁵As políticas nacionais de comunicação foram discutidas pela Unesco, órgão das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, na década de 1980. Tratava-se da discussão sobre a Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação como apêndice do debate internacional sobre uma nova ordem econômica mundial. Um breve relato dessa história é feito por Murilo Cesar Ramos em “Políticas Nacionais de Comunicação e crise dos paradigmas”. In *Comunicação e Política na América Latina*, ano 11, nº. 17, 1991. Cebela (Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos).

¹⁶SCHRAMM, Wilbur. *Comunicação de Massa e Desenvolvimento*, Edições Bloch, 1970.

¹⁷BELTRÁN, Luis Ramiro. *Communication for Development in Latin America: a Forty-Year Appraisal*. Disponível em: www.southside.org.br.sg/communication/cul-ch.htm.

¹⁸Apenas para indicação de algumas obras mais conhecidas e disponíveis ao público brasileiro, o pensamento desses autores pode ser conferido na breve bibliografia a seguir, ainda que ela não contemple a totalidade de suas obras. Além de *Comunicação ou Extensão?*, Paulo Freire aborda o tema do dialogismo na educação, e por assim dizer na comunicação, em *Pedagogia do Oprimido* (Paz e Terra). Antonio Pasquali faz seus apontamentos sobre comunicação dialógica em *Sociologia e Comunicação* (Editora Vozes, 1973). Juan Diaz Bordenave faz sua intervenção



dialógica proposta pelos latinos, como reformulação da idéia de *Comunicação para o Desenvolvimento*, passou a apresentar diversas designações, como “comunicação alternativa”, “comunicação de grupo” e “comunicação participativa”. Deixou, portanto, a esfera da comunicação enfaticamente de massa para pensar a gestão, ou mais propriamente a auto-gestão, das práticas de comunicação comunitárias. Estava em revisão, pelo menos no campo teórico, o modelo hegemônico: abandonava-se o difusionismo pretensamente iluminista então pensado por autores como Everett Rogers e Wilbur Schramm e entravam em cena as propostas de comunicação dialógica e horizontal dos autores latino-americanos.

A idéia de *Comunicação para o Desenvolvimento* continuava a existir, desde que produzida, gestada e pensada pela própria comunidade envolvida em determinado projeto comunicacional, educacional ou cultural. Na história das teorias da comunicação, sabe-se que o advento – e conseqüentes estudos – dos meios de comunicação de massa desestabilizaram estudos como os da sociologia de Chicago que até meados de 1920 tinha forte ênfase nos estudos de comunidade. A crítica comunicacional dos latinos faz uma releitura desta tradição da pesquisa em comunicação de massa e a desloca novamente para pensar a recepção como pólo mediador e produtor de sentidos.

A reformulação das propostas entre os latinos incidia, ainda que tomando-a apenas como paralelo, numa afirmação que Elihu Katz já havia feito, e isto é preciso reconhecer, dentro da própria *Mass Communication Research*: de fato, o que importava era não mais o que os meios de comunicação faziam com as pessoas, a partir dos princípios das teorias dos efeitos a curto prazo, mas sim o que as pessoas faziam com os meios. Realocada da pesquisa americana para a realidade latino-americana, a observação de Katz, que se referia especificamente ao território da comunicação de massa, torna-se uma questão importante para a proposta participativa e dialógica que vinha sendo elaborada e gestada na América Latina¹⁹.

principalmente em *Comunicação e Planejamento* (Paz e Terra, 1978). Mario Kaplun especificamente tem como obra de referência o seu trabalho de comunicação participativa com fitas cassete junto a agricultores de cooperativa no Uruguai (“La Comunicación Participativa como Praxis y como Problema: La experiencia del Casete-Foro”. In *Comunicação & Sociedade*, ano 1, número 3, julho de 1980); a experiência do Casete-Foro também é relatada no artigo “Uruguai: participação, práxis, problema. A experiência do cassete-foro”. In: GRINBERG, Máximo Simpson (org.). *A comunicação alternativa na América Latina*, Editora Vozes, Petrópolis, 1987.

¹⁹Mario Kaplun, é preciso ressaltar, foi tanto um teórico quanto um prático, tendo desenvolvido projetos de comunicação popular como o sempre citado Cassete-Foro junto a camponeses uruguaios. Apesar desse paralelo que se pode fazer com a afirmativa de Elihu Katz, o próprio Kaplun lembrava que os problemas de comunicação não passam necessariamente ou somente pelos veículos. Dizia ele numa entrevista: “Compartilho a visão que Daniel Prieto Castillo tem a respeito do comunicador quando diz que este deve aplicar estratégias de comunicação a problemas de comunicação. Esta é uma visão situacional que nos desliga dessa visão – deformada – do comunicador

O paraguaio Juan Diaz Bordenave e o brasileiro Horácio Martins de Carvalho²⁰ identificam essa tendência dialógica como uma “idéia-força” que ganhou impulso na passagem dos anos 1960 para os anos 1970 como insatisfação com as formas de democracia representativa, suscetível de manipulação e distorção, o que, de certo modo, incidiria mais tarde nos movimentos que pregavam as políticas de ação direta como modalidade política, na qual os grupos agem sem necessariamente depender unicamente de uma forma de representação nas instâncias da grande política oficial. A política, no caso, estava também nas ações do cotidiano.

Com base em críticas como essa, o pensamento em comunicação na América Latina já abandonava o modelo unilinear, do qual talvez a propaganda seja o maior representante, como fórmula para alavancar o desenvolvimento da região. O conceito clássico de comunicação unilinear implicava numa visão antidemocrática, principalmente numa região como a América Latina, onde o choque de valores entre processos de modernização e as culturas tradicionais provocava desgastes e experiências comunicacionais de resultados no mínimo discutíveis.

Luis Ramiro Beltrán²¹, pesquisador boliviano, argumenta que os latino-americanos foram os primeiros a contestar a ordem vigente do modelo clássico da comunicação e contribuíram para a emergência do novo modelo participativo, que foi aceito posteriormente inclusive por nomes importantes do difusionismo norte-americano como Everett Rogers e Wilbur Schramm. Antes de fazer a avaliação dos 40 anos de Comunicação para o Desenvolvimento, Ramiro Beltrán havia enveredado ele próprio pelos caminhos da extensão rural nos anos 1970. Como especialista em comunicação, participou com os agrônomos Hernán Moran e Jorge Hamsay na elaboração do livro *Extensión Agrícola Dinamica del Desarrollo Rural*, publicado pelo Instituto Interamericano de Ciencias Agrícolas, de San José, na Costa Rica, em 1975.

Nesta obra, Beltrán faz longo trabalho sobre extensão rural, inclusive dando dicas de como planejar mídias e modelos de comunicação de massa. Em outras palavras, sua relação com a idéia de planejamento e de extensão rural é de adesão. No entanto, sua

como um manejador de meios e de instrumentos; e para mim ela se dá em outra função social. O comunicador com que estou sonhando teria que poder aportar soluções a problemas de comunicação que não passam necessariamente pelos meios, mas que por eles não deixam de ser problemas de comunicação”. Cita como exemplo a realização de uma assembléia sindical, em que geralmente há um esquema vertical de comunicação, ou seja, há um problema de comunicação, mas não necessariamente de ‘gestão’ de meios de comunicação. A entrevista está em GOMEZ, Guillermo Orozco & GONZALES, Sergio Inestrosa. “Mario Kaplun: Cultura de imagenes, no de sentidos”. In *Chasqui*, 47, noviembre 1973.

²⁰BORDENAVE, Juan Diaz & CARVALHO, Horacio Martins de. *Comunicação e Planejamento*, Paz e Terra, 1987 [primeira edição de 1978].

²¹BELTRÁN, Luis Ramiro, obra citada.



adesão à corrente que trabalhava sob o modelo da *Comunicação para o Desenvolvimento* defendia a prática do diálogo e da participação como pressupostos da emergência de um novo pensamento comunicacional:

“La comunicación administrativa de Extensión, como la de cualquier otra naturaleza, es siempre de doble vía, cualquiera que sea la fuente y el destinatario. Es decir, recibido un mensaje por el destinatario, hay un retorno en forma de otro mensaje”²².

Beltrán lembrava, já em 1975, que a idéia de comunicação como “transmissão” já vinha sendo recusada pelas então mais recentes teorias sobre a Comunicação como campo do saber e aderiu ao conceito de troca de informações entre duas fontes como um processo contínuo, e não como curso que tivesse a linearidade de começo e fim. De fato, a idéia de oferta e negociação de sentidos viria mais tarde a despertar a atenção de novos pesquisadores em Comunicação. Em 1976, a Conferência Geral da Unesco fez a seguinte declaração, que acabaria sendo um reconhecimento de que a proposta anterior, difusionista, se esgotara e que emergia uma nova proposta:

“No passado, a função da comunicação na sociedade humana era parecida como algo essencialmente a informar e influenciar pessoas. Agora está sendo proposto que a comunicação deveria ser entendida como um processo de interação social através de uma troca balanceada de informação e experiência. Esta mudança na percepção implica a predominância do diálogo sobre o monólogo. O objetivo é alcançar um sistema de comunicação horizontal baseado em distribuição equitativa de recursos e facilidades tornando aptas todas as pessoas a enviar bem como receber mensagens”²³.

Importante enfatizar que o campo da Comunicação, como área do conhecimento na América Latina, tem-se voltado historicamente tanto para a teoria quanto para a prática, o que tem sido um de seus pontos característicos. Na prática, um dos exemplos mais conhecidos, talvez por que um dos mais expostos em periódicos da área, é o do “Casete-Foro” desenvolvido por Mario Kaplun numa comunidade de agricultores no Uruguai.²⁴ Tratava-se, no caso relatado pelo próprio Kaplun, do uso de fitas cassette como promoção de troca de informações entre membros de uma cooperativa agrícola. Grosso modo, as mensagens gravadas nas fitas iam e vinham de um centro coordenador

²²BELTRÁN, Luis Ramiro; RAMSAY, Jorge & FRÍAS, Hernán. *Extension agrícola dinamica del desarrollo rural*, Instituto Interamericano de Ciencias Agrícolas, San Jose, Costa Rica, 1975.

²³KAPLUN, Mario & O’SULIVAN-RYAN, Jeremiah. Communication Methods to Promote Grass-Roots Participation. In: *Communication and Society* n.º 6, Unesco, sem data. [Obs.: tradução do trecho é minha.]

²⁴Um relato sobre a experiência do Casete-Foro pode ser lido num texto daquele próprio autor. Trata-se do artigo “La comunicación como praxis y como problema: la experiencia del Casete-Foro”. In: *Comunicação e Sociedade*, Ano 1, no. 3, julho de 1980.



da comunidade para as bases, como numa espécie de correios. Tratava-se da adequação de um veículo já bastante popular à cultura oral das pessoas envolvidas, de baixo custo operacional, de fácil manipulação e versátil o suficiente para ser deslocado de um lugar para outro. Assim, as pessoas se acostumavam a dominar o meio de comunicação, e não o contrário. No conceito de Kaplun:

“Entendemos que há plena participação na comunicação quando os interlocutores são alternadamente emissores e receptores, quando ambos são ‘emérec’, para utilizar um neologismo proposto por Cloutier, e têm a mesma oportunidade não só de responder à mensagem recebida e reagir ante ela, mas também de gerar suas próprias mensagens²⁵”.

A idéia de participação, no entanto, não era algo tão simples assim. Kaplun verificava que o isolamento dos indivíduos nas bases comunitárias da sociedade dificultava a compreensão das políticas que o núcleo central adotava e, sobretudo, as razões que motivaram a adoção dessa política. O problema de a base não saber o que o núcleo central pensava – e vice-versa – tornava-se, assim, um problema de comunicação e de posterior organização comunitária. Daí que este tipo de descrição serviria mais tarde para se repensar os protocolos de troca de informações entre membros de uma dada comunidade ou organização. Tal isolamento, no caso descrito, Mario Kaplun creditava, entre outras coisas, à cultura enraizada no camponês uruguaio de menosprezar a própria opinião. A partir de relatos de casos como este, constata-se que o modelo dialógico tal qual pensado pelos latinos também tem suas complexidades: dele se vislumbra não só virtudes, mas também dificuldades no processo de implantação, porque entre o difusionismo que monopoliza o discurso e o dialogismo que defende a via de mão-dupla há o mutismo em que todo processo de produção de sentido se esvai.

Estudiosos de comunicação latino-americanos evidenciavam que a marginalidade a que são submetidas as pessoas é algo anterior à participação, e que essa situação de marginalidade era por sua vez é produzida pelo sistema econômico e sua distribuição desigual de riquezas. O subdesenvolvimento econômico que ainda caracteriza a América Latina tornava-se assim, em décadas passadas, ponto fundamental na formulação da proposta dialógica. Mais que um método gerado como “engenharia de comunicação”, o dialogismo emergia como ética do relacionamento em condições de profundas diferenças sociais e de freqüentes atritos entre valores do discurso modernizante e os valores enraizados na cultura e tradição dos povos latinos. A partir

²⁵KAPLUN, Mario. Obra citada, 1980.

dessa contextualização, o monólogo da comunicação vertical, típica da comunicação de massa, e que por assim dizer influenciava o modelo de comunicação mesmo na comunicação alternativa, cede lugar à participação como pressuposto e protótipo de uma forma de democracia, conceito tão abstrato e tão ausente em anos de ditaduras militares em boa parte do continente, e torna-se novo modelo de ação para uma possível arrancada da América Latina rumo ao desenvolvimento, ainda que não se saiba dizer, com certeza, de que tipo de desenvolvimento se trata.

Conclusão

O dialogismo, que emergiu como proposta teórica entre pensadores latino-americanos, teve como consequência a reformulação dos modos de pensar em estudos e práticas comunicacionais. Nos dias de hoje, é considerado um modelo teórico pelo qual são balizadas políticas contemporâneas no campo da comunicação social. A emergência deste pensamento latino-americano no campo dos estudos em Comunicação deve considerar pelo menos duas questões: as condições de subdesenvolvimento socioeconômico na América Latina e uma certa tensão promovida com a tradição de pesquisa da sociologia americana no campo da Comunicação. Consideradas as condições de sua emergência, o dialogismo pode ser considerado uma inovação na instância teórica que configurou o que se chama de Escola Latino-americana da Comunicação. A emergência desta escola latino-americana incentivou, na história das teorias da Comunicação, a passagem dos estudos dos meios para o campo da recepção, o que atribuiu à América Latina um espaço privilegiado nas pesquisas de interface entre Comunicação e Cultura. O desvio de rota para o campo da recepção resultou, principalmente a partir dos anos 1980, a modulação de um pensamento comunicacional que atribui a produção de sentido não às estruturas já dadas, mas ao processo do qual o receptor faz parte necessariamente e simultaneamente como produtor de informações. Ou seja, no processo de consumo de informações se produz sentido e se atualiza a antiga predisposição de dizer que todo receptor de informação também pode produzir e reenviar mensagens. O sentido se produz no andamento do processo. Com o dialogismo, que faz contrapositionamento teórico ao modelo comunicacional centrado na supervalorização do emissor, vem se esgarçando a possibilidade de se pensar na comunicação como negociação de sentidos, demanda que a emergência da rede mundial de computadores, em sua condição de comunicação acentrada, veio consolidar na década de 1990.



Bibliografia

- BELTRÁN, Luis Ramiro. *Communication for development in Latin America: A forty-year appraisal*. Disponível em www.southbound.org.br.sg/communication/cul-ch.htm. Acesso em 02/12/2002.
- BELTRÁN, Luis Ramiro; RAMSEY, Jorge & FRIAS, Hernán. *Extension agrícola dinamica del desarrollo rural*. San José, Costa Rica: Instituto Interamericano de Ciencias Agrícolas, 1975.
- BORDENAVE, Juan Diaz & CARVALHO, Horacio Martins de. *Comunicação e planejamento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, 2ª edição.
- FAUSTO NETO, Antônio. *Incomunicação Rural: Dependência e fatalismo*. In: MELO, José Marques de (org.). *Comunicação/Incomunicação no Brasil*. Edições Loyola, 1976.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, 3ª edição.
- GOMEZ, Guillermo Orozco & GONZALES, Sergio Inestrosa. “Mario Kaplun: Cultura de imagenes, no de sentidos”. In *Chasqui*, 47, noviembre 1973.
- GRINBERG, Máximo Simpson (org.). *A comunicação alternativa na América Latina*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- KAPLUN, Mario. La comunicación participativa como praxis y como problema: La experiencia del Casete-Foro In: *Comunicação e Sociedade*, ano I, no. 3, julho de 1980.
- KAPLUN, Mario & O’SULIVAN-RYAN, Jeremiah. Communication Methods to Promote Grass-Roots Participation. In: *Communication and Society* n°. 6, Unesco, sem data.
- KLAPPER, Joseph T. *The Effects of Mass Communication*. Illinois: The Free Press of Glencoe, 2nd printing, january, 1961.
- MATTELARD, Armand. *Comunicação Mundo - História das Idéias e das Estratégias*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- MELO, José Marques de (org.). O Pensamento Latino-Americano em Comunicação. In: *Comunicação e Sociedade*, n° 25, São Bernardo do Campo, 1997.
- PASQUALI, Antonio. *Sociologia e comunicação*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.



_____ “La dimensión ética del comunicador”. In: *Comunicación – Estudios Venezolanos de Comunicación – Perspectiva crítica y alternativa* n° 75, tercer trimestre, 1991.

RAMOS, Murilo Cesar. Políticas nacionais de comunicação. In: *Comunicação e Política na América Latina*. Cebela (Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos), ano II, número 17, 1991.

SCHRAMM, Wilbur. *Comunicação de Massa e Desenvolvimento*. Edições Bloch, 1970. Copyright da Unesco de 1964. [Nota: Publicado sob o título *Mass Media and National Development*, pela Stanford University e pela Organização Educacional Científica e Cultural das Nações Unidas].

_____. O desenvolvimento das comunicações e o processo de Desenvolvimento. In: PYE, William (org.). *Comunicações e desenvolvimento político*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

STEVENSON, Robert L. *Communication, development and the Third World - The global politics of information*. New York: Longman Inc., 1988.

Fundação Getúlio Vargas. *Um mundo e muitas vozes - Comunicação e informação na nossa época*. Relatório da Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação da Unesco. FGV, Rio de Janeiro, 1983.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação - Textos de apoio*. Editorial Presença, Lisboa, 1995, 5ª edição.